

Demócrito e a retórica: elogio ou censura?*

Miriam C. D. Peixoto**

Résumé

Contemporain des premiers sophistes, Démocrite d'Abdère n'est pas resté insensible au mouvement qui, à l'époque classique, a accordé une place privilégiée à la parole et mis en évidence le pouvoir de la rhétorique à l'intérieur de la cité. Partageait-il l'opinion des sophistes qui prêtaient à la parole un pouvoir infini? Ou bien s'alignait-il du côté de Platon en distinguant la mauvaise et la bonne rhétorique? À la question éloge ou blâme, Démocrite répond en prônant les vertus en défaut desquels on ne saurait pas se servir de la parole à bon essor, neutralisant ses effets néfastes et en tirant profit de sa puissance. Le noyau de sa pensée concernant le discours persuasif consiste dans une évaluation de son efficacité non en raison de ses qualités stylistiques, mais de sa portée morale. Cela faisant il fait écho à la

105

* Comunicação apresentada na XIIIth Biennial Conference of the International Society for the History of Rhetoric, realizada em Varsóvia (Polónia), de 24 a 28 de julho de 2001.

** Professora da Faculdade de Filosofia do Instituto Santo Inácio – Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (ISI-CES), Belo Horizonte/MG.

mise en question du discours chez Gorgias (*Éloge d'Hélène*) et, un siècle avant Platon, en esquisse une analyse du point de vue de ses conséquences morales. Trois aspects donc s'en dégagent: 1) la parole est supérieure à la contrainte; 2) l'action est supérieure à la parole; 3) la bonne mesure du discours est le propre du sage.

Mots-clés: Démocrite, Parole, Action, Éthique.

Resumo

Contemporâneo dos primeiros sofistas, Demócrito de Abdera não permaneceu insensível ao movimento que, na época clássica, atribuiu um lugar privilegiado à palavra e colocou em evidência o poder da retórica no interior da cidade. Compartilhava a opinião dos sofistas que emprestavam à palavra um poder infinito? Ou, antes, se alinhava a Platão distinguindo a má e a boa retórica? À questão elogio ou censura, Demócrito responde postulando as virtudes sem as quais não seria possível servir-se da palavra com bom êxito, neutralizando seus efeitos nefastos e tirando proveito de sua potência. O núcleo de seu pensamento relativo ao discurso persuasivo consiste em uma avaliação de sua eficácia não pelas suas qualidades estilísticas, mas pelo seu alcance moral. Assim fazendo, faz eco à crítica do discurso formulada por Górgias (*Elogio de Helena*) e, um século antes de Platão, esboça uma análise do ponto de vista de suas consequências morais. Três aspectos sobressaem: 1) o uso da palavra é superior ao uso da força; 2) a ação é superior à palavra; 3) a boa medida do discurso é própria ao sábio.

Palavras-chaves: Demócrito, Palavra, Ação, Ética.

Demócrito não é um orador ou um especialista da retórica *stricto sensu*. Entretanto, não podemos negligenciar a importância de suas considerações no terreno do discurso. Muitos dos testemunhos e fragmentos que figuram na edição organizada por H. Diels e revisada por W. Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, atestam tanto sua reputação como autor de discursos que o teriam tornado célebre quanto a importância que conferiu, em suas reflexões, a questões concernentes ao poder da palavra, da persuasão e, principalmente, aos limites da palavra frente à ação.

O vocabulário pertinente ao domínio da sua reflexão sobre a relação discurso / ação é bastante rico. Em se tratando do discurso, os termos mais freqüentes são os substantivos *mythos*, *lexis*, *leschê*, *epô*, *lôgos*, assim como o verbo *logizesthai*. A esses termos outros se associam, ora precisando a forma ou o objeto do discurso, *paramythia*, *dôxa*, *gnômê*, *epainêô*, *antilégo*, *peithô*, *pségein*, ora o qualificando: *alêthomythos*, *alêthomythéin*, *leschênêuô*, *polylogos*, *polylogéin*. Quanto à ação, os principais termos colocados em relação com aqueles do campo lexical do discurso por vezes sugerem uma oposição, por vezes uma associação. Dentre esses: *érgon*, *práttein*, *prágma*, *dráô*, *érdô*, *orthopragéô*. A extensão do campo lexical da ação e do discurso atesta, assim, a importância conferida pelo Abderita às questões relativas ao discurso no quadro de sua reflexão moral. Estes termos serão analisados em seu contexto quando de nossa consideração dos fragmentos onde figuram.

É importante lembrar que, apesar da denominação de “Pré-Socrático”, Demócrito não era um predecessor, mas um contemporâneo dos sofistas e de Sócrates, o que pode ser constatado pela cronologia que figura em diversas fontes.¹ E este fato

¹ Apesar das divergências em alguns anos quanto às datas do seu nascimento e morte, a maior parte das fontes fazem de Demócrito um contemporâneo de Sócrates. Ele teria nascido entre a 70ª (68 A 2 DK) e a 80ª olimpíada (68 A 4 DK), do que infere W. K. C. GUTHRIE ter sido ele um contemporâneo de Sócrates (*A History of Greek Philosophy*, v. II: *The Presocratic tradition from Parmenides to Democritus*, Cambridge, 1965, p. 386, n. 2). A este respeito, ver também o artigo sobre Demócrito escrito por Denis O'BRIEN no *Dictionnaire des philosophes antiques*, onde aparece uma exaustiva discussão sobre o problema (R. GOULET [Dir.], *Dictionnaire des philosophes antiques*: Babélyca d'Argos à Dyscolius, Paris: CNRS, 1994, p. 649-716).

não é anódino, uma vez que 1) nos permite compreender o horizonte dos problemas que o interessaram no campo dos debates políticos e filosóficos da época clássica e, conseqüentemente, 2) a pertinência dos fragmentos éticos que testemunham sua reflexão sobre o discurso. Trata-se, pois, de mostrar, no quadro dos testemunhos de que dispomos, quais são as questões das quais se ocupou no domínio da retórica. Suas reflexões versam, por um lado, sobre o uso que fazem os homens do discurso e sobre sua utilidade na vida humana e, por outro, sobre seus limites do ponto de vista moral.

Primeiramente, examinaremos os testemunhos que nos apresentam suas qualidades como logógrafo e orador, como alguém que soube muito bem se servir da potência da palavra, do discurso, não sem estilo e talento. Em seguida, analisaremos o conjunto dos fragmentos onde reflete sobre a potência da palavra e seus limites, para abordarmos, enfim, o que nos parece ser o núcleo de seu pensamento nesse domínio: a relação palavra / ação, donde se depreende muito bem o fundo moral de suas reflexões. Fundo este do qual Demócrito não representa certamente uma voz isolada, pois, como observa L. Pernot, “em toda época se coloca o problema moral e filosófico da validade do discurso retórico, de sua conformidade com a verdade e com a virtude”.²

1 – *A retórica: prática e mise en cause de uma arte*

Dúvidas poderiam pesar sobre a autenticidade dos testemunhos que atestam as atividades de Demócrito no domínio da retórica. Com efeito, a doxografia atesta a existência de um outro Demócrito, de Pérgamo, “do qual os discursos retóricos ‘teriam feito a celebridade’ (68 A 1 [49] DK)”. Mas este testemunho isolado não basta a desacreditar a ação e a reflexão retórica do filósofo. Muitos são os testemunhos onde Demócrito, o filósofo de Abdera, pode ser surpreendido enquanto logógrafo ou enquanto pensador que se ocupa, em suas reflexões, de temas

² L. PERNOT, *La rhétorique dans l'Antiquité*, Paris: Le Livre de Poche, 2000, p. 7.

comuns aos debates de seu tempo no âmbito da retórica e da linguagem em geral. Diógenes Laércio relata o elogio que Timon teria feito do filósofo:

*Tal é Demócrito, o muito sábio, pastor de mitos (poiména mythôn),
Debatedor de espírito bipartido (amphónoon leschêna);
Eu o reconheço dentre os melhores (meta prôtoisin anégnôn).*
(DL, IX, 40; 68 A 1(40) DK).

A legitimidade de um tal testemunho se confirma principalmente pelo exame de fontes da era imperial. Cícero escreveu sobre a elegância de seu discurso (*si ornate locutus est ... physicus ille D.*) a partir do que teria julgado por si mesmo.³ Comparando-o a Platão, afirma “que ele recorre a figuras de estilo muito claras” (*clarissimis verborum luminibus utatur*).⁴ Denys de Halicarnasso elogia o caráter temperado de seus discursos: “[No estilo médio se destacam], na minha opinião, os filósofos Demócrito, Platão e Aristóteles. Pois é impossível encontrar autores que temperem seus discursos melhor do que eles.”⁵ Considerados em conjunto, estes testemunhos nos permitem sustentar que Demócrito tenha sido reconhecido pelos seus contemporâneos, assim como pelos autores posteriores, pelas suas qualidades de logógrafo, uma vez que seus discursos foram objeto de comentários propriamente retóricos e que os teóricos da retórica, tais como Cícero, não deixaram de analisar ou de qualificar seu estilo a partir de critérios que

³ CICERO, Do orador, I, IX, 49: *si ornate locutus est, sicut et fertur et mihi videtur, physicus ille D., materies illa fuit physici de qua dixit, ornatus vero ipse verborum oratoris putandus est.* (68 A 34 DK). Todos os testemunhos e fragmentos são citados a partir da edição de H. DIELS e W. KRANZ, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, 6. ed., Zürich: Weidmann, 1996 (1952), 3 v. As traduções do grego e do latim são nossas.

⁴ *Ibid.*, XX, 67: *quicquid est enim, quod sub aurium mensuram aliquam cadat, etiamsi abest a versu (nam id quidem orationis est vitium), numerus vocatur, qui graece ῥυθμός dicitur. Itaque video visum esse non nullis Platonis et Democriti locutionem etsi absit a versu, tamen quod incitatus feratur et clarissimis verborum luminibus utatur, potius poema putandum quam comicorum poetarum.* (68 A 34 DK). Cf. também a comparação feita com HERÁCLITO no *Da adivinhação*, II, XLIV, 133: *valde Heraclitus obscurus, minime D.* (68 A 34 DK).

⁵ DENYS DE HALICARNASSO, *Da ordenação das palavras*, 24: *im mittleren Stile ragen hervor [no estilo médio se destacando] φιλοσόφων δὲ κατ' ἑμὴν δόξαν Δ. τε καὶ Πλάτων καὶ Ἀριστοτέλης: τούτων γὰρ ἐτέρους εὐρεῖν ἀμήχανον ἄμεινον κεράσαντας τοὺς λόγους.* (68 A 34 DK).

pertencem claramente às regras da retórica, tais como os de “clareza” e “temperança”.

Quanto à sua virtude de orador, podemos evocar o episódio, atestado em várias fontes, da leitura pública do seu tratado *Grande sistema do mundo*. Não se trata certamente de um discurso *stricto sensu*, e nós não podemos afirmar que teria sido o próprio Demócrito quem teria procedido à mencionada leitura pública. Mas este testemunho nos informa sobre a ocorrência de um fato pouco usual naquela época: a leitura de um tratado filosófico com fins apologéticos. Com efeito, diz-se que com esta leitura ele teria suscitado a admiração do povo de Abdera e conseguido recuperar os direitos de cidadão que estava prestes a perder.⁶ Teria, assim, dado provas de saber valer-se de seu talento filosófico-literário e, se confiamos em alguns desses testemunhos, de seu talento de orador, para se defender junto aos seus concidadãos.

Ao lado desses testemunhos existe um outro, do imperador Juliano, que relata o episódio da repreensão que Demócrito fez a Dário por ocasião da morte de sua esposa.⁷ O rei persa estava to-

⁶ DIOGENE LAËRCE, *Vies et doctrines des philosophes illustres*, trad. française sob a direção de Marie-Odile Goulet-Cazé, Paris: Le Livre de Poche, 1999. Em sua obra Diógenes escreve: “Havia uma lei prescrevendo que se alguém tivesse dispensado a fortuna paternal, esse alguém não tinha o direito de ser enterrado no solo da pátria; Antístenes diz que prevendo isso, temendo ser atingido pelo golpe desta lei por causa de alguns caluniadores, ele lhes leu o *Grande sistema do mundo*, o mais marcante de seus escritos, e ele foi honrado com uma recompensa de cinco talentos; e não somente com esta soma, mas ainda com estátuas de bronze.” (IX, 39: 68 A 1 [39] DK). O mesmo episódio é atestado nos *Deipnosophistas* de ATENEU (IV, 168 B): “Demócrito, acusado publicamente pelos seus compatriotas de Abdera de ter arruinado seu patrimônio, conseguiu livrar-se de sua pena fazendo a leitura do *Grande sistema do mundo* e *Das coisas do Hades*: ele lhes mostrou assim em que tinha dispensado sua fortuna.” (68 B 0 c DK).

⁷ JULIANO, *Cartas*, 201, 412 b-413 d: “Cabe pois que eu deixe de lado todo o resto, para te narrar um conto, ou antes uma história verdadeira de um sábio (εἶτε δὴ λόγον ἀληθῆ), história que talvez não te é estrangeira, mas que muitas pessoas sem dúvida não conhecem. Serve-te dela como de um remédio soberano (φαρμάκον νηπενθεῖ): bastará para te livrar de teu mal como o fez, acredita-se, a taça oferecida a Telémaco pela Laconiana em semelhante circunstância. Conta-se que Demócrito de Abdera, não encontrando nada a dizer para conseguir consolar Dário que chorava a morte de uma bela esposa, lhe promete trazê-la de novo à luz, se ele quisesse se encarregar de lhe fornecer tudo o que para isso seria indispensável. Dário se compromete a nada poupar do que lhe fosse necessário para manter sua promessa. Demócrito, após um momento de silêncio, declarou

mado pelo desespero, e o filósofo, dando-se conta da impotência de suas palavras de exortação (*ouk eichen hōti an eipōn eis paramythian arkéseien*), lança mão de um estratagema para consolar o rei e aliviar seu sofrimento. Prometendo ao rei ressuscitar sua esposa caso estivesse disposto a fazer tudo que tal operação demandasse, pediu-lhe para escrever o nome de três pessoas que nunca tivessem sofrido em suas vidas. O rei, embaraçado, não encontrou sequer uma pessoa que não tivesse um dia sofrido algum desgosto em sua vida. O filósofo teria assim mostrado ao rei o caráter excessivo de seu desespero.

Este episódio serve a mostrar como o filósofo, constatando a dificuldade em encontrar argumentos diretos para consolar o rei, manifestou sua inventividade ao encontrar um outro caminho para convencê-lo de não se entregar ao desespero. *Plagios* ou *khroma*, Demócrito teria se servido de uma ou outra dessas variedades de discurso para atingir seus propósitos.⁸ Ou seja, trata-se de dizer uma coisa com o objetivo de obter outra (*plagios*) ou de obter seu contrário (*khroma*), conduzindo alguém a mudar de opinião ou a admitir um pensamento diferente do seu, sem lançar mão do constrangimento aparente – o que constitui um elemento fundador da retórica.⁹

que ele dispunha de todo o necessário para cumprir sua tarefa, salvo uma coisa que ainda lhe faltava; e que ele não sabia como conseguir, mas que o rei de toda a Ásia, Dário, a encontraria sem dúvida com facilidade. O príncipe lhe pergunta qual era esta coisa tão considerável que somente um rei poderia chegar a descobrir. 'Inscreva sobre o túmulo da mulher, replica Demócrito, os nomes de três pessoas que nunca tenham estado em luto, e logo ela reviverá, dócil à lei deste rito.' Dário, sem graça, não pôde encontrar ninguém a quem não tivesse acontecido de sofrer alguma infelicidade. Então, se colocando a rir como era seu hábito, Demócrito lhe disse: 'Porque, oh mais absurdo dos homens, te desolas sem conter-se, como se tu fosses o único às voltas com um tão cruel infortúnio, tu que não sabes descobrir, nas gerações passadas, um único indivíduo que não tenha tido sua parte em aflições?'

⁸ A "cor" é uma variedade de discurso que consiste em dizer o que se quer dizer, mas usando de dulcorações, ou se contentando em sugeri-lo alusivamente. L. PERNOT, *La rhétorique dans l'Antiquité*, Paris: Le Livre de Poche, 2000.

⁹ *Ibid.*, p. 7: "Como explicar este fenômeno, ao mesmo tempo freqüente e misterioso, que consiste em conduzir o outro, sem constrangimento aparente, a pensar algo que ele não pensava, ou não ainda, antes?"

Mas não é para o artífice da palavra que nosso interesse se volta, e sim, antes, à sua crítica do uso que dela se faz, crítica esta presente em vários dos fragmentos conservados. Ora evocam os benefícios da palavra persuasiva na ação dos homens, ora seus limites quando alguém dela se serve com vistas a fins perversos. Ora a potência da palavra, ora sua impotência diante da ação. Para o bem ou para o mal, a palavra desempenha um papel muito importante na vida dos homens, e é por esta razão que é necessário, segundo Demócrito, submetê-la aos dois parâmetros essenciais de sua doutrina ética: a justa medida e o julgamento do momento oportuno.

O reconhecimento da importância da linguagem e de seu caráter determinante na evolução humana aparece no testemunho de Diodoro de Sicília sobre a antropogonia de Demócrito:

Sua voz [dos homens primitivos] sendo desprovida de significado e confusa, articularam pouco a pouco as palavras (diarthoun tas léxeis) e uns com os outros estabelecendo correspondentes (symnola), tornaram reconhecível para eles próprios a expressão a respeito de tudo (poiêsai perí hapántôn hermêneían). E como estes grupos estavam em toda a terra habitada, não tinham uma fala homófona, cada um compondo como lhe ocorria as palavras, deram origem a dialetos (diálekton) de todo tipo assim como a existência de tão grande número de línguas e às primeiras comunidades das quais descendem todos os povos.¹⁰

Nesta passagem o desenvolvimento da linguagem aparece como uma necessidade na vida dos homens e resulta de uma convenção.¹¹ O caráter convencional da linguagem é objeto de ou-

¹⁰DIODORO DE SICÍLIA, *Biblioteca histórica*, I, 8 (68 B 5.1 DK): τῆς φωνῆς δ' ἀσήμου καὶ συγκεχυμένης οὐσης ἐκ τοῦ κατ' ὀλίγον διαρθοῦν τὰς λέξεις, καὶ πρὸς ἀλλήλους τιθέντας σύμβολα περὶ ἐκάστου τῶν ὑποκειμένων γνώριμον σφίσιν αὐτοῖς ποιῆσαι τὴν περὶ ἀπάντων ἑρμηνείαν. τοιοῦτων δὲ συστημάτων γινομένων καθ' ἅπασαν τὴν οἰκουμένην, οὐχ ὁμόφωνον πάντας ἔχειν τὴν διάλεκτον, ἐκάστων ὡς ἔτυχε συνταξάντων τὰς λέξεις, διὸ καὶ παντοίους τε ὑπάρξαι χαρακτήρας διαλέκτων καὶ τὰ πρῶτα γενόμενα συστήματα τῶν ἀπάντων ἔθνῶν ἀρχέγονα γενέσθαι.

¹¹Com efeito, pelo que nós conhecemos através de outros testemunhos, a linguagem assim como as sensações e as leis resultam, para Demócrito, da convenção. Ver SEXTO EMPÍRICO, *Contra os matemáticos*, VII, 135-136 (68 B 9 DK): “Convenção o doce, diz ele com efeito, convenção o amargo, convenção o quente, convenção o frio, convenção a

tros fragmentos, e justifica o primado da persuasão sobre o constrangimento:

*Melhor guia em matéria de virtude é aquele que usa do encorajamento e da persuasão verbal, mais do que do constrangimento da lei [...] pois aquele para o qual somente a convenção leva a evitar a injustiça, com toda certeza agirá mal quando estiver distante dos olhares dos outros, enquanto que aquele que se deixa conduzir pela persuasão rumo ao dever não comete, em nenhum caso, nada de repreensível, nem sozinho nem abertamente.*¹²

O reconhecimento do caráter convencional da linguagem encontra-se assim na base da reflexão democritiana, e é por isto que o discurso será pensado, não tanto do ponto de vista do estilo, mas de sua potência formativa pela via da persuasão. É, pois, em razão do caráter convencional e logo ambíguo da palavra que o valor moral do discurso viria a lhe interessar. Caráter ambíguo que Hesíodo já diagnosticara em sua invocação às musas ao atribuir às suas palavras uma dupla potência: “nós sabemos contar mentiras semelhantes à realidade; mas nós sabemos também, quando o queremos, proclamar verdades.”¹³

2 – A apologia da palavra

“A palavra [ou a razão] é com freqüência mais persuasiva que o ouro”, diz Demócrito. Não há nada de verdadeiramente inédito nesta proposição. Resta, no entanto, explicitar como é que alguém, se servindo da potência da palavra, pode convertê-la em um bem. Com efeito, o filósofo reconhece, em diversos momentos, que a origem dos bens e dos males que nos atingem é por

cor...”; PROCLO, *Comentário sobre o Crátilo de Platão*, 16, p. 6, 10 (68 B 26 DK): “Ao invés, Demócrito sustentava que eles (os nomes) existem por convenção. [...] Logo os nomes são o efeito do acaso e não da natureza.”

¹²ESTOBEU, *Textos escolhidos*, II, XXXI, 59 (68 B 181 DK): κρείσσοον ἐπ’ ἀρετὴν φανέιται προτροπῆι χρώμενος καὶ λόγου πειθοῖ ἢ περ νόμοι καὶ ἀνάγκη. λάθρη μὲν γὰρ ἀμαρτέειν εἰκὸς τὸν εἰργμένον ἀδικίης ὑπὸ νόμου, τὸν δὲ ἐς τὸ δέον ἠγμένον πειθοῖ οὐκ εἰκὸς οὔτε λάθρη οὔτε φανερώς ἔρδειν τι πλημμελές.

¹³HESÍODO, *Teogonia*, v. 27-28: ἴδμεν ψεῦδεα πολλὰ λέγειν ἐτύμοισιν ὁμοῖα· ἴδμεν δ’, εὔτ’ ἐθέλωμεν, ἀληθέα γηρύσασθαι.

vezes a mesma e acrescenta que a sabedoria consiste em saber tornar boas as coisas através do nosso querer.¹⁴ Esta articulação entre a natureza de uma coisa e a indeterminação de seus efeitos caracteriza, em seu essencial, a reflexão do filósofo sobre a palavra, ao mesmo tempo que faz eco à sua antropologia, onde o homem figura como ser entre a determinação e a indeterminação, entre a necessidade e o acaso.

Como havíamos mencionado, a persuasão verbal se sobrepõe ao constrangimento das leis. As leis, que também têm como matéria a linguagem, resultam das convenções e, enquanto tais, não possuem valor absoluto, estável. A diferença reside no caráter mais dinâmico da linguagem em oposição à rigidez das leis, que, embora se utilizem da mesma matéria fluida das palavras, se pretendem não susceptíveis à ambigüidade, permanecendo assim refratárias à mudança. Entretanto, no final das contas, as leis comportam os mesmos limites da linguagem. Donde a insistência de Demócrito em fazer prevalecer o discernimento, e logo a consciência de cada indivíduo, como foro último da ação e do discurso. Mas para isto é necessário contar com a *phronesis* ou com a *sôphrosune*, para poder mensurar bem os seus discursos, seu alcance e conseqüências, e saber reconhecer o momento oportuno (*kairos*). Uma tal perspectiva confere ainda mais importância à retórica, ampliando o seu domínio de investigação para além dos seus aspectos formais, uma vez que esta arte deve refletir, em última instância e no plano da linguagem, o próprio caráter de um homem.

A sabedoria da qual fala Demócrito é, antes de tudo, sabedoria prática, que reside na capacidade de julgar o momento oportuno, de refletir e de agir segundo o que é melhor. Mas o homem não se encontra completamente determinado. É pela educação que a obra da natureza se completa no homem: “Natureza e educação, diz Demócrito, são coisas muito próximas. Pois é

¹⁴ESTOBEU, *Textos escolhidos*, II, IX, 1 (68 B 172 DK): “Das coisas de onde nos vêm os bens, destas mesmas coisas podem também nos vir os males; mas nós desejamos certamente escapar destes males.” Id., *Textos escolhidos*, II, IX, 2 (68 B 173 DK): “Para os homens os males nascem dos bens, quando não se sabe controlar as rédeas, nem bem se conduzir.”

verdade que a educação transforma o homem, e esta transformação confere ao homem sua natureza.”¹⁵ E é no quadro da educação que a persuasão revela sua importância capital na economia do pensamento democritiano. É pela persuasão e pelo discernimento, e não pelo constrangimento, que o homem pode ser levado a agir bem, a falar bem e a deliberar bem.¹⁶ A primeira das máximas reunidas sob o nome de “Demócrates” atesta a convicção do filósofo a respeito do poder persuasivo da palavra na definição do comportamento humano: “Se a minhas máximas se prestar uma atenção que envolve o intelecto, então se realizará muitas ações dignas de um homem de bem, e não se realizará muitas ações más.”¹⁷

A reflexão democritiana aponta para três questões principais: 1) qual a natureza do discurso; 2) em que reside sua eficácia; e 3) como se relaciona com a ação. E será, a cada vez, a dimensão moral que constituirá o fiel da balança.

3 – O homem entre a ação e o discurso

Mediante qual critério se pode julgar o valor de um discurso? “É preciso dizer a verdade e não falar muito”,¹⁸ diz Demócrito. Um discurso deve se pautar pela verdade, pois é, antes de tudo, nela que reside seu valor. Esta oposição “verdade” / “falar muito” sugere que, no domínio do discurso, a verdade se encontra em relação estreita com a justa medida, com o “nada em excesso”. Não é a extensão de um discurso que lhe confere importância, mas a verdade da qual é portador. Este gênero de critério remete à idéia

¹⁵CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromatos*, IV, 151 (68 B 33 DK): ἡ φύσις καὶ ἡ διδαχὴ παραπλήσιόν ἐστι. καὶ γὰρ ἡ διδαχὴ μεταρυσμοὶ τὸν ἄνθρωπον, μεταρυσμοῦσα δὲ φυσιοποιεῖ.

¹⁶*Etimológico de Orion*, p. 153, 5 (68 B DK 2): “Tritogênēia (Τριτογένεια), Atena, segundo Demócrito, quer dizer sabedoria (<φρόνησις> νομίζεται). Têm origem no saber estas três coisas (γίνεται δὲ ἐκ τοῦ φρονεῖν τρία ταῦτα): *deliberar bem* (βουλευέσθαι καλῶς), *falar sem erros* (λέγειν ἀναμαρτήτως) e *fazer o que é preciso* (πράττειν ἄδει).”

¹⁷*Máximas de Demócrito*, I (68 B 35 DK): γνωμέων μεν τῶνδε εἴ τις ἐπαῖοι ξὺν νόωι, πολλὰ μὲν ἔρξει πράγματ' ἀνδρὸς ἀγαθοῦ ἀξια, πολλὰ δὲ φλαῦρα οὐχ ἔρξει.

¹⁸*Máximas de Demócrito*, 10 (68 B 44 DK): ἀληθόμυθον χρῆειναι, οὐ πολὺλογον. A mesma idéia aparece em ESTOBEU, *Florilège*, III, XII, 13 (68 B 225 DK).

de justa medida, idéia muito presente no conjunto dos fragmentos éticos do filósofo e que se traduz, nesse caso, numa espécie de economia da linguagem. Um discurso deve evitar os excessos, ao ponto de estar na estrita medida do que deve ser dito. A medida é condição para um estado de equilíbrio que se traduz, na vida humana, pela *euthymia*, o bom ânimo. O discurso, tanto quanto todo agir humano, deve se deixar guiar pela razão calculativa, se deixando medir por uma consciência bem desenvolvida, pelo exercício permanente de reflexão, único meio apto a proporcionar ao homem a excelência e a eficácia de sua ação e, por conseqüência, dele próprio. Com efeito, é da razão, diz Demócrito ao fornecer a etimologia da palavra “Tritogênia”, que “provêm estas três qualidades: bem calcular, bem dizer e agir como se deve.”¹⁹ Aquilo que é o bem, não o é para todos do mesmo modo. Do mesmo modo, o que é o “bem dizer” (*to eu légein*) consiste, antes de tudo, em dizer a verdade, isto é, em falar sem excesso. Logo, Demócrito, assim como outros o farão, define a retórica como a arte de dizer a verdade, assimilando esta como a boa medida de um discurso.

Um falar bem proporcionado é sintoma de um caráter mais naturalmente inclinado à aprendizagem: “Aquele que se contradiz e fala muito não é naturalmente inclinado a aprender o que é preciso.” É preciso, ainda, estar atento para que o discurso seja coerente com a ação que o precede tanto quanto com a que o sucede, para que nada nele a exceda ou lhe seja de menos. Pois a palavra deve ser, como diz Demócrito, sombra do ato.²⁰ É ao ato, pois, que concede a primazia, fazendo com que prevaleça sobre a palavra, a qual não deveria jamais sobrepujar um ato justo, colocá-lo em xeque. Com efeito, diz Demócrito, o *agathos* não deve levar em conta os discursos daqueles que não têm valor (*phlauros*),²¹ pois um discurso não é capaz de mudar a natureza de uma ação: “Nenhum bom discurso (*oute logos esthlos*) pode apagar uma ação

¹⁹Scolia genovesa à *Ilíada*, I, v. III, ed. Nicole (68 B 2 DK): Δ. δὲ ἐτυμολογῶν τὸ ὄνομα [sc. Τριτογένεια] φησιν, ὅτι ἀπὸ τῆς φρονήσεως τρία ταῦτα συμβαίνει· τὸ εὐ λογίζεσθαι, τὸ εὐ λέγειν καὶ τὸ πράττειν ἃ δεῖ.

²⁰PLUTARCO, *Da educação das crianças*, 14, 9 F (68 B 145 DK): λόγος γὰρ ἔργου σκιά, κατὰ Δημόκριτον.

²¹*Máximas de Demócrito*, 14 (68 B 48 DK): μωμεομένων φλαύρων ὁ ἀγαθὸς οὐ ποιεῖται λόγον.

indigna, nem um ato valoroso (*oute prêxis agathê*) ser destruído por um discurso calunioso.”²² Isto quer dizer que um discurso, por melhor que seja, não é mais potente que a própria ação. Limites claros são assim colocados para o discurso: se uma ação é digna, ele não poderá lhe roubar seu valor; se uma ação é má, não há discurso capaz de lhe encobrir sua deficiência. A este ponto, uma nítida distinção se estabelece entre a finalidade do discurso e sua qualidade formal. Um discurso bem construído do ponto de vista do estilo torna-se ruim se não condiz com a realidade dos fatos. Este primado da ação sobre o discurso atesta a importância atribuída por Demócrito ao agir humano e os claros limites que estabelece para o discurso diante deste. E não são poucas as vezes em que tal juízo aparece no conjunto de seus fragmentos.

Entretanto, tanto a ação propriamente dita quanto o discurso constituem fenômenos humanos. Um liame estreito une os dois domínios da práxis humana, como notamos no já mencionado fragmento que afirma serem o bem agir tanto quanto o bem dizer frutos da sabedoria. Esta associação aparece ainda ditando o comportamento humano na esfera privada: “Não diga nem faça nada de mal, mesmo se estiver sozinho [...]”.²³ Todavia, bem mais representativos são os fragmentos dos quais se depreende uma crítica às palavras. Vejamos alguns exemplos. Um primeiro grupo atesta a superioridade do agir sobre o falar e critica a pretensão daqueles que tentam camuflar suas más ações sob belos discursos:

*Enganadores e hipócritas são aqueles que fazem tudo em palavras, e nada em atos.*²⁴

*Numerosos são aqueles que cometem as piores ações, mas as enfeitam de excelentes discursos.*²⁵

²²ESTOBEU, *Textos escolhidos*, II, XV, 40 (68 B 177 DK): οὔτε λόγος ἐσθλὸς φαύλην πρῆξιν ἀμαυρίσκει οὔτε πρῆξις ἀγαθὴ λόγου βλασφημίηι λυμαίνεται.

²³ESTOBEU, *Florilégio*, III, XXXI, 7 (68 B 244 DK): φαῦλον, κἂν μόνος ηἷς, μήτε λέξις μήτ' ἐργάσῃ· μάθε δὲ πολὺ μᾶλλον τῶν ἄλλων σεαυτὸν αἰσχύνεσθαι.

²⁴*Máximas de Demócrito*, 47 (68 B 82 DK): κίβδηλοι καὶ ἀγαθοφανέες οἱ λόγοι μὲν ἅπαντα, ἔργωι δὲ οὐδὲν ἔρδοντες.

²⁵ESTOBEU, *Textos escolhidos*, II, XV, 33 (68 B 53 a DK): πολλοὶ δρῶντες τὰ αἰσχιστα λόγους ἀρίστους ἀσκέουσιν.

*É nos atos e na conduta que é preciso procurar a virtude, e não em palavras.*²⁶

Em vista de tais fragmentos, podemos dizer que a ação é indiscutivelmente o melhor critério, se não o único, para julgar o valor de um homem. As palavras, sendo ambíguas, podem servir a iludir, a esconder o que as pessoas são realmente. A excelência se encontra, assim, no terreno da ação e não naquele do discurso.

Um outro aspecto da crítica do filósofo às palavras reside na finalidade em nome da qual se lança mão das palavras.

*É preciso evitar até mesmo falar das ações más.*²⁷

*É honesto louvar as ações honestas; pois aprovar as ações desonestas é obra de uma natureza mentirosa e hipócrita.*²⁸

*Se tu julgas não fundados os elogios “que te dirigem”, estejas certo que te bajulam.*²⁹

A palavra não deve servir a colocar em evidência ações que não merecem por si mesmas nenhum reconhecimento. Uma crítica à hipocrisia dos bajuladores se delinea, ao mesmo tempo que se reafirma o liame estreito entre discurso e verdade.

Esse conjunto de sentenças dá uma idéia do abismo que, na maior parte do tempo, separa a ordem do discurso da ordem da ação, colocando em evidência a distância que separa Demócrito de seus contemporâneos os sofistas, que remetem a um plano inferior, quando não a suprimem totalmente, a premissa moral. O que conta para eles, na maioria das vezes, é a capacidade de um discurso em persuadir e se impor. Trata-se de observar uma *simetria* entre a ação e o discurso para que este último possa ter, como sombra da primeira, um certo valor objetivo.

Aquele que louva ações desonestas, aquele que recebe elogios descabidos, aquele que tudo faz em palavras sem jamais passar aos atos, aquele que se esconde e os seus atos vergonhosos em discursos bem construídos, todos esses roubam ao discurso o

²⁶Ibid., II, XV, 36 (68 B 55 DK): ἔργα καὶ πρῆξις ἀρετῆς, οὐ λόγους, ζηλοῦν χρειών.

²⁷ESTOBEU, *Florilégio*, III, I, 91 (68 B 190 DK): φαύλων ἔργων καὶ τοῦς λόγους παραιτητέον.

²⁸Ibid., III, XIV, 8 (68 B 63 DK): εὐλογέειν ἐπὶ καλοῖς ἔργμασι καλόν. τὸ γὰρ ἐπὶ φλαύροισι κτιβδήλου καὶ ἀπατεῶνος ἔργον.

²⁹*Máximas de Demócrito*, 83 (68 B 115 DK): ἢν μὴ γνωρίζῃς τοὺς ἐπαίνους, κολακεῖεσθαί ἴγέο.

valor que ele poderia vir a ter no plano moral. Isto fazendo, impedem o discurso de se manifestar enquanto potência benévola. Trata-se, pois, para Demócrito, de reabilitar o valor do discurso associando-o a uma causa que seja nobre, que o torne mais valioso que o ouro (68 B 51 DK). Estaríamos aqui diante de uma espécie de fundamento teleológico, que põe a qualidade de um discurso para além dele próprio? Ora, tendo a linguagem uma natureza convencional, o seu valor não poderia mesmo estar nela própria. Ela tem, em Demócrito, uma função mediática, o que podemos constatar igualmente na importância que confere o filósofo à persuasão verbal (*logou peithoi*) enquanto guia da virtude e instrumento capaz de conduzir o homem a bem agir e a se tornar plenamente homem (68 B 181 DK). O discurso tem, assim, seus limites estabelecidos pelo bem agir e pela sua capacidade de conduzir ao bem agir. Somente numa tal perspectiva o homem poderá se servir da palavra como aliada, conferindo-lhe uma dimensão positiva e evitando o caráter que pode, por vezes, possuir quando aquele que dela se serve a utiliza para fins perversos.

Um outro aspecto que se observa na leitura dos fragmentos nos quais Demócrito reflete sobre a palavra é aquele do momento oportuno, do *kairos*. Em Demócrito a “ciência” do *kairos* é solidária com a “ciência” da medida. O *kairos* é, com efeito, um outro termo que exprime a noção de justa medida, uma espécie de medida de caráter temporal. “A franqueza, diz Demócrito, é própria da liberdade, mais o risco jaz no reconhecimento do momento oportuno.”³⁰ À conformidade do discurso à ação e à verdade deve se acrescentar ainda a capacidade de reconhecer o momento oportuno. Dito de outro modo, a apologia da franqueza se encontra nuançada pelo julgamento das circunstâncias, o que assegura que a franqueza servirá àquele com o qual se é franco. Para tanto é necessário, por parte daquele que fala, o desenvolvimento da habilidade no julgamento do *kairos*. Neste ponto Demócrito se alinha a outros tantos oradores que lhe são contemporâneos.

³⁰ESTOBEU, *Florilégio*, III, XIII, 47 (68 B 226 DK): οἰκίτιον ἐλευθερίας παρηρησίη, κίνδυνος δὲ ἢ τοῦ καιροῦ διάγνωσις.

Mas falta ainda mencionar um último ponto, solidário ao anterior, sobre o qual a reflexão de Demócrito mais uma vez inova: aquele que diz respeito às condições para que um discurso alcance sua eficácia. “Querer levar a raciocinar alguém que pensa ser inteligente, é perder seu tempo.”³¹ De nada serve, pois, persuadir aquele que não tem uma predisposição, uma inclinação para ouvir e, logo, para aprender. Ou seja, deve se julgar a possibilidade real de que o discurso atinja seu fim antes de empreendê-lo. Ainda uma vez nos encontramos no âmbito de uma espécie de economia da linguagem, e isto se torna ainda mais evidente quando associa à capacidade de falar a de ouvir: “É presunção tomar sempre a palavra sem nada querer escutar.”³² Neste, como no caso anterior, se encontra em questão uma indisposição, um fechamento do espírito, por parte daquele a quem se dirige o discurso, que impede a mudança. Neste sentido, podemos dizer que os fragmentos da reflexão sobre a palavra testemunham que o Abderita levou em conta, em sua análise do discurso, não somente a sabedoria, ou ausência dela, por parte daquele que profere o discurso, mas também a abertura de espírito daquele a quem ele se dirige. Assim sendo, a competência daquele que toma a palavra supõe também o reconhecimento do momento oportuno e do estado de espírito do seu interlocutor ou auditório.

Considerações finais

Como anunciamos, não pretendíamos aqui transformar Demócrito em um orador ou em um crítico da linguagem e da retórica, mas refletir, a partir de suas próprias reflexões, sobre algumas questões que se tornaram posteriormente objeto de considerações filosóficas sobre a práxis do discurso, suas implicações morais, ou ainda objeto de tratados consagrados à arte retórica. Mas esperamos ter mostrado a importância de Demócrito como pensador do período clássico, sensível aos problemas de seu tempo e um

³¹Ibid., III, X, 42 (68 B 52 DK): τὸν οἰόμενον νοῦν ἔχειν ὁ νουθετέων ματαιοποιεῖ.

³²Ibid., III, XXXVI, 24 (68 B 86 DK): πλεονεξίη τὸ πάντα λέγειν, μηδὲν δὲ ἐθέλειν ἀκούειν.

dos primeiros a desenvolver uma crítica de natureza ética aos poderes da palavra e à sua força persuasiva.

Apesar do caráter não sistemático de suas reflexões, pelo menos na forma em que nos chegaram, nelas encontramos elementos suficientes para demonstrar a pertinência de sua crítica do discurso e desta no debate de seu tempo. Sua singularidade? O esforço em pensar o discurso de um ponto de vista ético, reconhecendo a soberania da ação sobre o discurso, ao mesmo tempo que reconhece a importância fundamental deste no domínio da vida humana. A presença de tal preocupação na sua obra o situa de direito como contemporâneo de Sócrates e dos sofistas, como presença viva no debate que então se travava, ao mesmo tempo que o projeta para além de seu tempo, ao antecipar a crítica a uma *technê* que estava ainda dando seus primeiros passos na história. Com efeito, seu pensamento repousa em uma avaliação lúcida da situação presente em vista da identificação de suas causas e da superação de seus problemas.

A palavra e o discurso, a retórica se bem o quisermos, aparecem na filosofia de Demócrito como objeto ora de louvor ora de censura, e isto em função do uso e dos fins a que serve. O filósofo se inscreve, assim, no seio de uma cultura e de uma tradição que têm na palavra o espaço por excelência de manifestação da singularidade humana e, conseqüentemente, de consolidação da experiência política. Não é, pois, sem razão que se insurge em meio ao curso natural das coisas e submete à *krisis* aquela que tinha se tornado a grande musa da cidade clássica.

